

**Pivô agradece aos seus mantenedores /
Pivô thanks its maintainers**

Ana e Marco Abrahão
 Andrea e José Olympio Pereira
 Bergamin & Gomide
 BFA Boatos Fine Arts
 Casa Triângulo
 Cecília Tanure
 Célia e Bernardo Parnes
 Coleção Coletiva
 Elizabeth Dee
 Fabio Luchetti
 Gabriela e Antonio Quintella
 Galeria Fortes Vilaça
 Galeria Nara Roesler
 Galeria Raquel Arnaud
 Georgiana Rothier e Bernardo Faria
 Gordon VeneKlasen
 Graham Steele e Ulysses de Santi
 José Leopoldo Figueiredo
 Lisson Gallery
 Mendes Wood DM
 Ronaldo Antônio Varela
 Vera e Luiz Parreiras
 Vivien Hertogh

**E o apoio generoso de /
And the generous support of**

Acervo Ivens Machado
 Andrea e José Olympio Pereira
 Angélica Pimenta (MAC Niterói)
 Arteref e equipe
 Bete Grillo (MAC Niterói)
 Canal Brasil
 Elisa Pessoa
 Evangelina Seiler

Fernando Cocchiarale
 Galeria Fortes Vilaça e equipe
 João Carlos de Figueiredo Ferraz
 João Sattamini
 Junae Andrezza
 Laura Erber
 Luciano Momesso
 Luisa Strina
 Luiz Guilherme Vergara (MAC Niterói)
 Marcia Fortes
 Marcia Muller (MAC Niterói)
 Marcos Ribeiro / TV Imaginária
 Milton Machado
 Mônica Grandchamp
 Orandi Momesso
 Paulo Sérgio Duarte
 Paulo Herkenhoff
 Rejane Cintrão
 Silvana Leal
 Vinil Filmes

**Equipe da exposição /
Exhibition Team**

Produção: Frida Projetos Culturais
 Projeto de Iluminação: Fernanda Carvalho
 Conservação: Dulcineia Paz

Equipe Pivô / Pivô's Team

Fernanda Brenner
 Sandra Oksman
 Márcia Vaz
 Lorena Vilela
 Carol Duarte
 Matias Oliveira
 Buda Brigadeiro
 Rita Silva



SENNA & MARIANO



apoio institucional

Bloomberg

apoio cultural

MINISTÉRIO DA
CULTURA



realização

MINISTÉRIO DA CULTURA E PIVÔ APRESENTAM

IVENS MACHADO



O CRU DO MUNDO

RAW OF THE WORLD

CURADORIA / CURATED BY: KIKI MAZZUCHELLI

O programa **Fora da Caixa** revisita obras e projetos artísticos exibidos no passado e que agora permanecem guardados em acervos públicos ou privados. Procura-se assim investigar a produção artística dos últimos 50 anos e refletir sobre sua influência na atualidade, promovendo interlocuções possíveis com o panorama da produção contemporânea recente.

/

Fora da Caixa programme revisits works and art projects that were exhibited in the past and are currently stored in public or private collections. The idea is to examine the artistic production of the last 50 years and reflect on its influence today by promoting possible interactions with the panorama of recent contemporary production.

O CRU DO MUNDO

O corrimento constante e impreciso que os gregos antigos conheciam como gonorréia caracterizou sempre a minha produção, não o que é conhecido hoje na medicina também como blenorragia. Numa visão ético-moralista característica dos meios da arte e de outros saberes desde a Antiguidade, eu estaria sendo usado e desperdiçando ao usar o que está em torno, e não pertence – infidelidade. Um tempo onde o prazer escorre pelas coisas sem objetivo. Estou satisfeito com essa maneira, não pretendo a posição de “reprodutor”. A paternidade não me pré-ocupa, embora reconheça sua existência. Não estou circunscrito pela razão ou pela informação e prefiro o fazer difuso e assistemático. Essencialmente o trabalho é “órfão” e “impotente”; não aspiro ao coito definitivo¹

A mostra individual de Ivens Machado (Florianópolis, 1942 - Rio de Janeiro, 2015) no Pivô reúne um conjunto de esculturas, vídeos e desenhos produzidos em diferentes períodos de uma trajetória de quase cinco décadas. Conhecido por sua obra escultórica, na qual emprega materiais característicos da construção civil popular, o artista iniciou sua carreira no Rio de Janeiro, na década de 1970, tendo como interlocutores nomes como Anna

¹ Depoimento publicado originalmente no convite da exposição do artista na Galeria Saramenha, Rio de Janeiro, 1987. Reproduzido em “O engenheiro de fábulas”, org. Ligia Canongia. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 2001.

Bella Geiger, Fernando Cocchiarale e Paulo Herkenhoff. Parte da geração que sucedeu imediatamente os grupos filiados ao Concretismo e ao Neoconcretismo, Ivens optou por forjar uma trajetória estética própria, tendo encontrado certa resistência no circuito mercadológico tanto por não se conformar formalmente às genealogias artísticas estabelecidas quanto pelo modo controverso com que tratava de temas como a sexualidade e a violência. Ainda assim, é considerado um dos artistas brasileiros mais significativos da segunda metade do século pela crítica especializada, e a relevância e influência de sua obra, sobretudo para as gerações mais jovens, transparece - intencionalmente ou não - no trabalho de artistas como Marcelo Cidade (o concreto e os cacos de vidro) e Adriana Varejão (a carne e os azulejos), para citar apenas alguns.

No relato de seu encontro com a instalação de Ivens Machado apresentada na 16a. Bienal de São Paulo (1981) - uma grande forma ovóide de concreto armado cravejada de cacos de vidros e suspensa por cabos de aço - o crítico Paulo Sergio Duarte escreve: “Digamos que, se pudéssemos reduzi-la à oposição cru/cozido, estaríamos no mundo das formas cruas. Entretanto, de uma crueza perversa, invertida, porque antinatural, calculada, escolhida nos seus detalhes, para se inscrever, como negação, no território herdado das formas precisas do construtivismo. Para complicar, estranheza e familiaridade comiam no mesmo prato”. Essa crueza característica da obra de Ivens se manifesta explicitamente no modo em que manipula materiais de aspecto bruto, como os cacos de vidro, o cimento e os vergalhões recorrentes em suas construções escultóricas. Mas para além de sua aparência física, suas formas pesadas e primitivas reiteram uma insistência em operar a desconstrução da normatização do comportamento incutida pelas instituições que regulam o “bom” funcionamento da sociedade (escola, família, etc.), bem como a recusa em se adequar a padrões estéticos estabelecidos. Desde as primeiras intervenções gráficas realizadas em papeis pautados (1974-5), nas quais interrompia ou desviava o curso das linhas, passando pelo espaço de subversão de regras de conduta social criado na instalação “Obstáculos/Medidas” (MAM -RJ, 1975), até sua produção escultórica - “arquiteturas sem projeto”, nas palavras de Milton Machado -, a obra de Ivens Machado está em contato vivo com a existência das coisas em seu estado cru, pré-normativo ou racionalizado; daí o título da mostra.

Organizar uma exposição individual de um artista cuja obra atravessa meio século é um grande desafio, que se torna ainda maior pela impossibilidade da interlocução direta com o autor. Embora existam alguns registros valiosos de sua produção, notadamente a abrangente monografia “O engenheiro de fábulas”, organizada por Ligia Canongia para acompanhar a mostra retrospectiva de mesmo nome apresentada em Curitiba, Rio de Janeiro e São Paulo (2001-02), tivemos a sorte de contar com o apoio inestimável de Monica Grandchamp, amiga próxima e colaboradora de Ivens Machado, hoje responsável pelo espólio do artista. Monica esclareceu muitas das dúvidas que surgiram durante o processo de pesquisa e gentilmente cedeu algumas das obras e materiais de documentação apresentados aqui. Tendo trabalhado como assistente de Ivens por muitos anos e participado diretamente da

feitura de suas obras, ela contribuiu, ainda, com a reconstrução de uma escultura de concreto armado e cacos de vidros produzida em 1982 e posteriormente destruída.

Frente à responsabilidade de representar a longa trajetória de Ivens Machado e às limitações de se trabalhar num espaço expositivo não-museológico, optou-se por selecionar um conjunto de obras que expressam alguns momentos-chave no desenvolvimento do trabalho, sendo que grande parte delas tiveram pouca visibilidade institucional ao longo dos anos. A última grande exposição monográfica de Ivens Machado em São Paulo ocorreu em 2002 na Pinacoteca do Estado, mais de uma década atrás. Isso significa que o público paulistano, particularmente a geração mais jovem, teve muito pouco contato com grande parte de sua produção que não pertence a acervos públicos ou que não integrou as mostras individuais realizadas em galerias comerciais nos últimos anos.

“O cru do mundo” acontece alguns meses após a exposição de Ivens Machado no MAM-RJ, com curadoria de Fernando Cocchiarale, que incluiu algumas de suas obras mais icônicas, entre elas “Cerimônia em três tempos” (1973) - a grande instalação com “mesas” de azulejos e o pedaço de carne fake que lhe valeu o primeiro prêmio no V Salão de Verão do MAM-RJ - e suas famosas esculturas em concreto recobertas por cacos de vidro, como o terrível e agigantado “Consolador” (1979) e o “Mapa Mudo” (1979) do Brasil, que revela tanto sobre nossa sociedade utilizando meios tão ínfimos. A mostra no Pivô, por outro lado, inclui um grande número de obras que per-

tencem a coleções particulares e ao espólio do artista e, nesse sentido, a proximidade temporal entre as duas exposições significa uma oportunidade importante para a ampliação do repertório disponível ao público.

Embora não tenha a pretensão de dar conta de toda a trajetória do artista, estão presentes em “O cru do mundo” desde as intervenções gráficas iniciadas na década de 1970, dois de seus primeiros vídeos realizados em 1974, um conjunto significativo de esculturas de concreto produzidas nas décadas de 1980-90, até os trabalhos mais recentes em que utiliza madeira, entulho, papelão e porcelana. Ao invés de privilegiar uma montagem cronológica, buscou-se potencializar a relação das obras com a arquitetura peculiar do Pivô, intensificando a experiência do encontro entre espectador e obra no espaço e evitando instrumentalizá-la. Por outro lado, em se tratando de um artista histórico, procuramos disponibilizar ao público materiais de referência, incluindo entrevistas em vídeo e importantes textos que permitem uma contextualização de seu trabalho e oferecem leituras aprofundadas sobre obras e séries específicas.

São raros os artistas que conseguem forjar uma linguagem própria e mais raros ainda aqueles cujas obras permanecem atuais ao longo dos anos. Ivens Machado afirmou uma vez não ter interesse em se relacionar com a história da arte² e, de fato, recusou

2 “Interessa-me muito pouco a história da arte como referência. (...) Não existe intenção consciente. Só quero fazer uma forma.” (Entrevista com Daniel Piza, O Estado de São Paulo, 22 de outubro de 1991)

o caminho mais fácil da citação ou da derivação de padrões estéticos arraigados. Esta talvez tenha sido ao mesmo tempo sua maldição e sua benção: a falta do devido reconhecimento em vida pelo espanto frente aquilo que se apresenta ao mundo pela primeira vez e o caráter único das formas que se mantêm vivas e pulsantes na sua atualidade e relevância, bem longe do “coito definitivo”.

/

THE RAW OF THE WORLD

The steady and imprecise flux known by the ancient Greek as gonorrhoea has always characterised my production, not what is also known by medicine today as blennorrhoea. Within the scope of an ethic-moralistic view of the art milieu and of other fields of knowledge since Antiquity, I would be letting myself be used; wasting when using what is lying around and doesn't belong - infidelity. A time where pleasure flows through things purposelessly. I feel satisfied with this manner, I don't wish for the position of a 'breeder'. Paternity does not pre-occupy me, although I acknowledge its existence. I'm not circumscribed by reason or information and I prefer the diffuse and the non-systematic. The work is essentially 'orphan' and 'impotent'; I do not aspire to definitive coitus.³

3 Statement originally published on the invitation to the artist's exhibition at Galeria Saramenha, Rio de Janeiro, 1987. Reproduced in *O engenheiro de fábulas*, org. Ligia Canongia. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 2001.

Ivens Machado's (Florianopolis, 1942 - Rio de Janeiro, 2015) solo exhibition at Pivô brings together a group of sculptures, videos and drawings produced during different periods of a career spanning almost five decades. Best known for his sculptures using basic building materials, Machado started his career in 1970s' Rio de Janeiro in dialogue with names such as Anna Bella Geiger, Fernando Cocchiarale and Paulo Herkenhoff. As part of a generation that immediately succeeded the groups linked to Concretism and Neo-Concretism, Machado chose to forge his own aesthetic path, having encountered a certain resistance from the art market both for not formally conforming to established artistic genealogies and for his controversial approach to themes such as sexuality and violence. Nonetheless, art critics now see him as one of the most significant Brazilian artists of the latter half of the 20th century and his work's relevance and influence, particularly amongst the younger generations, is revealed - intentionally or unintentionally - in the work of artists such as Marcelo Cidade (concrete and shards of glass) and Adriana Varejão (meat and tiles), to name but a few.

In his account of Machado's installation at the 16th São Paulo Biennial (1981) - a large reinforced concrete oval structure dotted with shards of glass and suspended by steel cables - critic Paulo Sergio Duarte says: "if we were to reduce it to the opposition raw/cooked, we would be in the realm of raw forms, but of a perverse inverted rawness as it is anti-natural, calculated, chosen in detail, in order to be inscribed, as negation, in the inherited territory of Construtivism's precise form. To make matters more complicated, strangeness and familiarity ate on the same plate".

This rawness so typical of Machado's work is explicitly manifested in the way he manipulates rough materials, such as shards of glass, concrete and steel reinforcing bars that are recurrent in his sculptures. However, beyond their physical appearance, their primitive and heavy forms reiterate how the artist insists on deconstructing the normalisation of behaviour instilled by the institutions that regulate the 'good' functioning of society (school, family, etc.), as well as his refusal to conform to established aesthetic standards. From his first visual interventions on ruled paper (1974-5), in which he interrupts or diverts the normal course of the lines, to subverting social conduct rules in the installation "Obstáculos/ Medidas" (Obstacles/ Measures, MAM-RJ, 1975) and his sculptural production – 'architectures without a project', according to Milton Machado -, Ivens Machado's work is in live contact with the existence of things in their raw, pre-normative or rationalised, state; hence the exhibition's title.

To put together a solo exhibition by an artist whose work encompasses half a century is a huge challenge, compounded by the impossibility of dialoguing directly with him. Even though there are some valuable records of his production, notably the comprehensive monograph "O engenheiro de fábulas" (The Engineer of Fables) organised by Ligia Cannongia for the retrospective exhibition of the same name held in Curitiba, Rio de Janeiro and São Paulo (2001-02), we were lucky enough to rely on the invaluable support of Monica Grandchamp, Machado's close friend and collaborator, who is currently managing his estate. Grandchamp was able to clarify many of the doubts that emerged during the research process, and she generously provi-

ded some of the artworks and documents displayed in this exhibition. Having worked as Machado's assistant for many years, she was directly involved in the making of his pieces, and for "The Raw of the World" she reconstructed a reinforced concrete sculpture with shards of glass originally made in 1982 and later destroyed.

Faced with the responsibility of representing Machado's lengthy career trajectory and under the limitations of working in a non-museological exhibition space, I have opted for a selection of works that represent some key moments in his artistic development, many of which have had little prior institutional visibility. Machado's last major solo exhibition in São Paulo took place at Pinacoteca do Estado in 2002, over a decade ago. This means that the public, particularly the younger generation, has had very little contact with most of his work that is not held in public collections or that hasn't been exhibited in recent solo shows at commercial galleries.

"The Raw of the World" opens a few months after Machado's solo exhibition at MAM-RJ, curated by Fernando Cocchiarale, which presented some of his most iconic works, including "Cerimônia em três tempos" (Ceremony in Three Acts, 1973) – a large installation with 'tables' of tiles and a piece of fake meat that secured him the first prize at MAM-RJ 5th Summer Salon – and his famous reinforced concrete sculptures covered in shards of glass, such as the terrifying and gigantic "Consolador" (Dildo, 1979) and "Mapa Mudo" (Mute Map, 1979), a piece that reveals so much about our society using such simple means. In turn, Pivô's exhibition includes a great number of lesser seen works

that belong to private collections and to Machado's estate and, in this sense, the proximity in time between the two exhibitions means an important opportunity to expand the repertoire currently available to the public.

Even though this exhibition does not intend to cover the artist's full trajectory, it showcases his series of works on paper that began in the 1970s, two of his first videos shot in 1974, a significant set of concrete sculptures produced in the 1980s and 90s and his most recent works in which he used wood, rubble, cardboard and porcelain. Instead of a chronological approach, the exhibition seeks to potentiate the relationship between his work and Pivô's singular architecture, intensifying the experience of the encounter between visitor and work in space and avoiding instrumentalisation. Additionally, given that Machado is a historical artist, we have sought to make available to the public a variety of previously unavailable reference materials, including video interviews and important texts which are currently out of print, allowing for a contextualisation of his work and offering in-depth readings of specific works and series.

Artists who are able to forge their own language are rare; and even rarer are those whose works remain current throughout the years. Ivens Machado once stated that he had no interest in relating to the history of art⁴; in fact, he refused to take the simpler route of alluding to or referencing established aesthetic standards. This was perhaps both his curse and his blessing: the lack of deserved recognition in life as a result of the bewilderment provoked by presenting something to the world for the first time and the uniqueness of the forms that remain alive and pulsating in their topicality and relevance – always evading the 'definitive coitus'.

4 "I'm not very interested in history of art as a reference. (...) There is no conscious intention. I just want to make a form." (Interview with Daniel Piza, O Estado de São Paulo, 22/10/1991).

SOBRE O ACERVO IVENS MACHADO

O Acervo Ivens Machado é o projeto responsável pela gestão do acervo pessoal do artista, com curadoria da designer Mônica Grandchamp, que foi assistente e amiga de longa data de Ivens Machado. Selecionado pelo Prêmio FUNARTE de Incentivo às Artes Visuais em 2015, para mapeamento da obra, o Acervo Ivens Machado tem como missão a catalogação da produção do artista, sua manutenção e visibilidade.

ABOUT THE IVENS MACHADO ARCHIVE

The Ivens Machado Collection is the initiative responsible for managing the artist's estate under the curatorship of designer Mônica Grandchamp, who was Machado's close friend and assistant. The cataloguing of his work was made possible with the support of the FUNARTE Prize for the Incentive of Visual Arts awarded in 2015. The collection's mission is to organise, maintain and disseminate Machado's production.